

ALEX MINDUÍN: UMA HISTÓRIA ORAL DE VIDA

“Nós temos que ser indivíduos da história!”

A nossa entidade e as pessoas que dela fazem parte estão aí pra ajudar. Isso é fantástico! Eu sempre falei pro Mandioca o seguinte:

— Os Gaviões ou a torcida do Corinthians é referência para uma série de segmentos que envolvem a nossa sociedade.

Eu, particularmente, estou ativamente dentro dos Gaviões há dezenove anos. Assim como a maioria dos jovens que lá estão, venho da periferia. Boa parte de nós, que se achega com uma carga recebida nos bairros periféricos, recebe uma carga diferente na torcida organizada. Ou seja, eu diria que, dentro dos Gaviões – e acredito que nas demais torcidas também –, estes jovens, tanto da periferia quanto da classe média, são reeducados e moldados segundo a realidade que a entidade representa. A torcida os direciona para as festas e atividades nas quais a entidade está envolvida, mas para as cobranças que também fazem parte do meio esportivo em que a torcida está inserida.

No caso dos Gaviões, é uma torcida diferenciada, por quê? É apaixonada pelo clube e militante, estando sempre envolvida com as questões sociais do nosso país. É nesta torcida que, em via de regra, estes jovens vão perceber que a nossa sociedade é dividida por classes sociais. Mas, não importa muito a classe social na qual eles estão inseridos, já que vão se tornar um associado e um torcedor organizado, tendo que se moldar perante a política dessa entidade. Além disso, estes jovens torcedores vão aprender a ter responsabilidade e a respeitar os mais velhos e o próximo.

Eu te digo isso também pela história que envolve os Gaviões desde a década de 60, quando esta torcida foi fundada. Foi uma das primeiras entidades civis: a defender de forma totalmente explícita a anistia para os presos políticos do nosso país; a participar ativamente do processo das Diretas Já; e, assim, acredito ter sido uma das primeiras torcidas organizadas na América Latina a se envolver e se entrelaçar também com os movimentos sociais. Quer dizer, não só conscientizando boa parte dos seus associados, mas participando ativamente de algumas lutas, encabeçadas por movimentos como: MST, Movimento dos Sem Teto, aqui do centro de São Paulo, movimento contra os Carecas do ABC, Movimento Punk, movimento de jovens, como por exemplo que curtem *rock*, Movimento *Hip Hop*... Ou seja, a torcida organizada e os Gaviões, propriamente ditos, estão inseridos em uma variedade de movimentos sociais.

Por ventura, eu diria que é até natural, leva-se para dentro dos movimentos sociais, alguns pigmentos que envolvem a característica de ser corinthiano e Gaviões da Fiel. E vice-versa porque acho que os movimentos também acrescentam muito para os membros e para boa parte dos dirigentes e lideranças dos Gaviões da Fiel. Acho que houve uma contrapartida. Boa parte dos associados sabe desse envolvimento da torcida, desse comprometimento das lideranças com o Corinthians e, mais do que nunca, sabe que a entidade tem um compromisso de fato com a sociedade brasileira. Por isso que escolhi começar a minha história por aí, a nível de Gaviões e de sua estrutura.

Agora, falando um pouco do Alex Minduín, eu entrei nos Gaviões em 89. Como mencionei, boa parte da minha formação foi dentro desta torcida. Em muitos seminários, nos quais sou convidado para participar e falar da torcida organizada, da estrutura futebolística do nosso país e da questão do negro dentro da nossa sociedade e na torcida, eu costumo dizer que 60% da minha personalidade foi formada ali dentro daquela entidade. Já os outros 40% vieram da minha casa, por parte de irmãos, de pai e de mãe. As pessoas, às vezes, se assustam quando falo isso e dizem:

— Poxa, a família tem a menor carga na sua formação? E a maior carga parte da torcida na qual você adentrou?

O que as pessoas têm que entender é que eu entrei nos Gaviões em 89, quando tinha de 13 pra 14 anos. Ao entrar nos Gaviões, a pessoa entra para acompanhar e apoiar incansavelmente o Sport Club Corinthians, tá certo?! Então, o que é que leva eu falar que 60% da minha personalidade foi formada ali dentro? Porque eu passava a maior parte da minha vida, da minha adolescência e da minha fase adulta junto com esse agrupamento e com essas pessoas que fazem parte da minha relação. Então, não poderia ser diferente! Ficava mais tempo nos Gaviões da Fiel do que com a família e na escola. Durante a semana, eu estudava, mas ia na quadra dos Gaviões duas vezes de segunda a sexta. No final de semana, tinha jogo do Corinthians e no dia que não tinha jogo, sábado ou domingo, estava na quadra da torcida.

Lá foi a entidade e o local onde eu pude ter consciência de como funciona a engenharia dessa nossa sociedade. Porque, lá dentro, encontrei pessoas de classe média alta, de classe média, de classe média baixa, pobre e miserável... A pessoa de classe média alta conscientizava o de classe média, o de classe média conscientizava o de classe média baixa e assim sucessivamente. Havia e há uma contrapartida das classes que estão inseridas nos Gaviões, ou seja, é um ambiente em que todos aprendem, desde o jovem de classe média alta até o jovem que vem da extrema periferia.

Num dado momento do crescimento desse indivíduo – e isso aconteceu comigo após receber uma carga de conscientização –, ele tem dois caminhos a percorrer: ou reverte a situação que está posta em nossa sociedade ou se acomoda com ela. No meu caso, procurei reverter essa situação porque acho que deve ser uma das piores coisas para um indivíduo saber da sua realidade e permanecer inerte. Então, o que é que ocorreu com o Minduín? Após receber aquela carga dentro dos Gaviões, ele se colocou na posição de enfrentamento, saindo da situação na qual ele se encontrava há quinze anos atrás. E o que proporcionou isso para o Minduín, assim como pra muitos jovens que saíram e que saem da periferia paulistana e das periferias de forma geral? A consciência de classe, a consciência política e, enfim, a consciência de que, se eu não me organizar enquanto indivíduo e comunidade, é quase impossível mudar a minha realidade. Não posso simplesmente depender do governo, seja federal, estadual ou municipal. Eu tenho que fazer dessa minha conscientização a minha bandeira de luta dentro da nossa sociedade, seja em algum movimento, universidade ou o que for.

Dos meus 13 anos e meio até os 17, eu participei do Departamento de Bandeiras dos Gaviões, que é o onde se inicia toda grande liderança dentro da entidade. Não tem um outro caminho. Não se chega dentro dos Gaviões sendo líder. É nesse departamento que esse jovem adolescente recebe todos os valores e as convicções do que é ser Gaviões da Fiel e qual a diferença desta torcida dentro e fora da arquibancada.

Com 17 anos e meio, eu participei da minha primeira diretoria. Fui idealizador do departamento social dos Gaviões, sendo diretor por oito anos, e um dos primeiros a ver esta torcida enquanto empresa. Mas, sempre considerei que as lideranças dos Gaviões, em hipótese nenhuma, poderiam ou podem ser remuneradas pela entidade, ou seja, não pode se manter dela. Cada liderança tem que ter o seu próprio trabalho, a sua profissão e o seu ganha pão fora da entidade, tá certo?!

Com 25 anos, eu comecei a participar mais ativamente e colocar os Gaviões da Fiel mais no âmbito da discussão acadêmica, enquanto um movimento social e uma torcida que contesta alguns segmentos dessa nossa sociedade. Com o decorrer do tempo, a gente vai assimilando que a função da torcida tem que extrapolar, sim, o espaço da arquibancada. Torço para que os Gaviões continuem sempre nesse caminho! De contestar não só o que está acontecendo lá dentro do Sport Club Corinthians Paulista, mas, também, essa estrutura futebolística que está posta aqui no nosso país...

Entrando na questão do negro dentro dos Gaviões da Fiel, eu começo dizendo de que maneira o negro ainda é visto, em pleno século XXI, por boa parte da nossa

sociedade: como uma pessoa que, de certo modo, não tem um raciocínio, não tem uma capacidade de ter uma produção intelectual, mas, sim, mecânica. Digo isto tendo em vista a forma como as novelas e os filmes retratam os negros, sempre os colocando numa situação desfavorável e os atrelando à criminalidade. Quando eles estão dentro da política, o que é raro, são corruptos. Ou seja, nunca uma imagem que mostra o negro inserido na sua família ou aplicado nos estudos. Ao contrário, sempre é uma imagem estereotipada, na qual o negro só serve pra algumas coisas: esportes, trabalho braçal e – você pode até achar estranho o que vou te colocar e que é algo que deve ser discutido dentro do movimento negro – sexo, seja por um membro mais avantajado do negro, seja pela negra que suportaria uma ou duas pessoas na cama. São visões estereotipadas que, infelizmente, foram criadas no século passado ou talvez retrasado e que, de uma forma sutil, volta e meia sempre estão postas nos veículos de comunicação.

Eu torço pra quê? Uma sociedade justa e igualitária, no meu modo de ver, tem que mostrar o que ou do que essa sociedade é composta: quem formou a cultura nacional, qual a imagem do Brasil no exterior, qual a nossa identidade. Nós mencionamos sempre – ou, pelo menos, boa parte da imprensa – que o nosso país é miscigenado, uma mistura de raças. Mas, não é o que ocorre, por exemplo, na produção cinematográfica, nos programas televisivos, nas novelas... Não é? Certa vez, em um debate que participei na Argentina, um colega da Noruega, que veio falar sobre os *hooligans* na Europa, me indagou dizendo o seguinte:

— Olha, Minduín, que incrível! Na Noruega, nas nossas propagandas, há mais negros do que no teu país. Por que isso?

Veja: se um indivíduo, que não conhece profundamente a nossa sociedade, tem essa percepção, você imagina nós, negros! É só ver televisão e notar que 95% dos atores são brancos. Não é a questão de ter o ator branco! Tem que ter o ator branco, sim, mas tem que ter o japonês, o nordestino, o povo do sul... Isso tudo é o povo brasileiro. E o povo brasileiro, de certa maneira, não é visto pelos meios midiáticos, vamos dizer assim. É um processo? É um processo, eu diria. Porém, está muito longe de nós sermos hoje chamados de um país igualitário para todas as raças. Esse tipo de coisa, de fato, não se mostra.

Há, é claro, o esforço de um pequeno setor da imprensa em relação ao negro e à questão racial, mas é um grupo de pessoas que não faz parte da grande mídia. Eu diria que esse setor tem se organizado por conta desse espaço mesmo que a mídia teima, e

teima mesmo, em não dar pra comunidade negra. Diria ainda que a imprensa brasileira é antinacionalista. Mostra de tudo, só não mostra o que é o Brasil ou o povo brasileiro.

Se a gente for ver o grande telejornalismo, quantos âncoras negros nós temos? Na Record, tinha uma; na Globo, tem um que aparece aos sábados para cobrir a folga do William Bonner, não é? E tem também uma comentarista política de Brasília, que não me recordo o nome. Ou seja, eu te dei dois canais, Globo e Record, que são canais de massa, mas que não reproduzem o que a massa é. Nos demais, a gente simplesmente não vê jornalistas negros inseridos! Na Cultura, tem uma, mas é obrigação porque é um canal público. Não tinha que ter só uma!

Infelizmente, as pessoas que estão à frente desse trabalho ainda pensam num Brasil Colônia, num Brasil Terceiro Mundo e numa Europa *top* de linha no saber. Essa é uma linha ideológica atrasada! E que direciona a massa como um todo, inclusive os próprios negros. Dá pra ver que há uma inércia da comunidade negra como um todo em relação a esse enfrentamento. Mesmo havendo uma massa de pessoas negras no nosso país, a gente não vê ninguém se contrapondo ao que está posto aqui em São Paulo, no Rio Grande do Sul, no norte ou no nordeste brasileiro. Poxa, o cara olha para o telejornal, para a novela e não se vê! O nordestino e algumas comunidades do sul também não se veem, mas o negro menos ainda.

Pra gente entrar nessa discussão tomando como base o meio do futebol, eu vou te fazer uma pergunta: quantos comentaristas esportivos negros você visualizou ou tem visualizado na grande ou até mesmo na pequena mídia? Afirmo que não vi e não vejo! A gente pode pegar qualquer canal: Sportv, ESPN, Globo, Gazeta... Não vê. Agora, o fato de a gente não ver é um preconceito em relação à raça negra ou ao negro em si? A questão não é o preconceito, não. A questão é não visualizar o negro enquanto portador de uma opinião ou como detentor de um conhecimento que ele possa vir a explicar sobre o jogo, a partida ou algum segmento do meio esportivo. E onde que está o negro?... Está no outro lado da mesa enquanto jogador, esportista ou um cara que xingou, que enfrentou o juiz, que foi mal educado e que deveria ser expulso. Ou seja, simplesmente é visto como uma ferramenta de entretenimento para a grande sociedade. Isso me lembra o Império Romano. Quem eram os gladiadores?... Eram, em sua maioria, imigrantes ou escravos vindos da África subsaariana. Eles vinham de lá para entreter quem?... Entendeu?

Dos jogadores de hoje, somente uma pequena parcela é renomada e ganha bem. Se a gente pegar aqueles que jogam na primeira divisão, veremos, sem muito esforço,

que 60% deles ganham salários na faixa de dois a, no máximo, cinco mil reais. Se formos para a segunda e terceira divisões, essa realidade piora mais ainda. Sem falar nos contratos escravos que boa parte dos jogadores assina, em que 70% vai pro empresário e 30% pro jogador, e com desconto. Oxalá, que não esteja acontecendo isso com os grandes jogadores como Ronaldo, Ronaldinho... Porque, se estiver acontecendo, não vão saber administrar o mínimo que estão ganhando e vão se perder. Enfim, uma série de fatores pode ocorrer para que eles caiam não só no esquecimento, mas também nas tragédias da vida.

É aquilo que te mencionei: nós não podemos nos acomodar com uma sociedade que ainda é tocada como no tempo do coronelismo da República Velha. Se, de fato, a gente quer uma sociedade justa e igualitária, nós não podemos aceitar isso nunca... Eu gostaria que os negros progressistas da nossa sociedade, detentores de recursos financeiros, criassem instrumentos paralelos para enfrentar essa grande mídia. Tomara a Deus que a gente consiga, pelo menos, ter essa consciência e que tenham algumas pessoas que pensem e montem empresas para se contrapor a esse tipo de estrutura que está posta.

No posto que ocupo na empresa onde trabalho, eu sou o único negro. No curso de Economia que faço na universidade, sou o terceiro negro... e que se considera negro! No curso de Sociologia, sou o segundo negro. Ou seja, só tem dois negros no período em que estudo. Isso demonstra o quê? Isso prepara a sociedade pra quê? Se a gente olhar para a periferia ou para a nossa sociedade como um todo, o que tem em maior quantidade: negros e mestiços ou brancos descendentes de europeus? Onde estão inseridos os negros e os mestiços? E os brancos?

Quando menciono isso, não quero dizer que as etnias tenham que se gladiar. Não é isso! Acho que tem que haver uma condição favorável para que o negro possa ser inserido de uma outra forma nessa nossa sociedade. Quais são os três pontos de ascensão para o jovem negro de periferia? O que é passado pra ele? Ou é jogador de futebol, ou é excelente boxeador ou, então, entra em um outro segmento que não precisa de uma produção intelectual. Na verdade, falta pra gente condições de se achegar em uma universidade e ter um conhecimento que nos coloque em pé de igualdade na disputa por um emprego ou por um concurso público.

Eu sei que, hoje, a nossa sociedade se encontra em disputa, principalmente por conta da política de cotas, que é um tabu para uma série de setores. Porém, é um caminho. O ideal é que todos tivessem um espaço em que pudessem adentrar nas

universidades e exercer as suas funções. Não é o que ocorre! E, quando não ocorre isso, tem que se criar um mecanismo, como a política de cotas. Se tem uma coisa que a nossa mídia sempre faz questão, é de que a comunidade negra se esqueça o quê os escravos passaram no nosso país. Se a gente for fazer uma comparação com algo que aconteceu no século passado, poderia lembrar o genocídio que houve com os judeus na Alemanha ou com os armênios na Turquia.

O Brasil foi o último país a abolir a escravidão... Além de ser o último, ainda não deu estrutura para que o negro se visse enquanto homem e ser livre. Com isso, se ele não se adequasse ao que estava posto e não voltasse para a casa do senhor, submetendo-se àquela condição, o negro não teria o que comer e não teria onde dormir. E uma outra coisa que a história não mostra e não faz questão de ressaltar é que a escravidão, de certa maneira, foi uma manobra econômica por conta do momento que o país vivia na época. Era mais barato deixar o negro livre do que mantê-lo com alimentação e moradia, mesmo que trabalhasse na lavoura. Ou seja, foi um processo perverso, sem falar as questões psicológicas, as doenças que, até hoje, estão presentes no organismo das pessoas que são descendentes de escravos. Então, diria que o processo de abolição no nosso país foi muito árduo para a população negra e isso justifica, sim, a política de cotas.

O processo político no nosso país foi pesado do ponto de vista da formação da população negra e da população como um todo. Nós tivemos, por exemplo, uma ditadura de 64 até 85, com 21 anos de duração. Mesmo assim, a nossa sociedade era amena e acomodada à situação, com indivíduos que não partiam para o enfrentamento. Nós não temos esse costume. Então, podemos dizer que, infelizmente, a nossa sociedade está posta de uma maneira em que as coisas devem ser encaminhadas sem enfrentamento.

Diferente, por exemplo, do que houve nos Estados Unidos. Depois da Guerra Civil, teve a luta pelos direitos civis dos negros, né?! E foi um processo louco também, porém a comunidade negra se uniu de uma tal maneira. Ou melhor, não só a comunidade negra, mas também os progressistas, homens brancos que se adentraram junto com os negros norte-americanos e enfrentaram o sistema. A maneira que eles adentraram é dez, quinze vezes maior do que aconteceu e está acontecendo no nosso país.

No Brasil, qual foi o primeiro grande líder intelectual que começou a defender os negros? Foi Joaquim Nabuco, um grande estadista por sinal. Agora, depois de

Joaquim Nabuco, a gente conta nos dedos outros grandes progressistas que auxiliaram na luta do povo negro brasileiro. Nos dias de hoje, são pouquíssimos também. Aí, entra a questão do comodismo da nossa sociedade e de boa parte da comunidade negra. Só uma pequena parcela que, nos momentos cabíveis, mostra a sua cara e diz:

— Estamos aqui. Precisamos mudar isso e ser vistos como uma sociedade igualitária de fato.

Não à toa, muitos projetos que estão no Congresso Nacional e nas Câmaras Municipais estão solicitando a participação de 20 ou 30% do negro na mídia, na propaganda... Por que isso? Porque, de fato, só quem é negro sabe o terror psicológico que se passa quando adentra, por exemplo, em um restaurante de médio porte. Ou, então, quando está em um departamento ou em nossa sala e um gerente de uma outra empresa vem nos visitar e nos olha do outro lado da mesa. A gente olha nos olhos dele e sente o impacto: “Poxa! O cara é negro.”, deve pensar ele. Só quem é negro percebe isso!

Tem um fato de ordem pessoal que eu gostaria de relatar aqui. Eu sou filho de pai negro, neto de avó negra e bisneto de negro escravo. Isso por parte de pai. Por parte de mãe, sou filho de uma mulher branca, que é filha de português. E a minha mãe sempre dizia o seguinte:

— Olha, filho, você tem que mostrar o que é pelo teu conhecimento e pela luta dos seus pais pra que você fosse o que você é.

E eu só fui entender esses posicionamentos da minha mãe quando acontecia algum fato em que as pessoas falavam pra ela:

— Poxa, ele é adotado?... Nossa, mas é teu filho?

Então, toda vez que acontecia uma situação dessa, ela sempre mencionava aquilo... Isso mostrava pra mim que a sociedade que eu estava inserido não tinha avançado nesse quesito. E isso porque já se passou mais de vinte anos! Ainda hoje, vejo que muitos setores da nossa sociedade ainda não avançaram.

Por isso que eu, particularmente, defendo a política de cotas para as empresas estatais e multinacionais. Acho que isso vai combater, de certa maneira, não só o preconceito, mas fazer com que as pessoas se acostumem que elas vivem em uma sociedade pluralista, em que várias etnias contribuíram para aquela cultura: italianos, alemães, eslováquios, japoneses, coreanos, bolivianos, angolanos, nigerianos... Ou seja, fazer com que as pessoas entendam que estão inseridas em uma megalópole chamada São Paulo. É uma sociedade que tem, por necessidade, de ser pluralista. Entendeu?

Sobre a questão da torcida, você poderia me perguntar assim:

— Minduín, há algum tipo de preconceito, em relação ao negro na torcida em si?

Eu responderia essa pergunta da seguinte maneira:

— Enquanto o negro está junto com outras pessoas pra torcer, ver o clube e viajar pra ver o clube, é uma coisa. Agora, a partir do momento que ele é levado a ser apresentado para a família, eu diria que não é 100% salutar, não.

E isso é fruto desse processo todo que eu te mencionei anteriormente. As pessoas precisam se acostumar que o negro é diferente: a sua maneira de andar, de se vestir, a sua postura enquanto pessoa, enquanto indivíduo... Ele é mais despojado, fala mais alto, gosta de estar com agrupamento e outros artifícios que ele se utiliza. Ou seja, o negro é o diferente!

Cada um recebe uma carga cultural diferente. Dos europeus, pelo menos na minha opinião, o italiano é uma das descendências que mais se atrelam à raça negra. Afinal, ele gosta de estar junto com a família, de jantar ou almoçar junto, passar o final de semana com a família, de falar alto, de ouvir música também... Pelo que eu vejo aqui em São Paulo, é assim: tem muita similaridade quando um conhece o outro. Na maioria das vezes, dependendo da região da Itália que essa família saiu, se cria uma sinergia fantástica. As famílias se conhecem, se interagem, se entendem. Em boa parte das vezes, até mesmo casam seus filhos entre si, né?!

Isso aconteceu no Bexiga, na Bela Vista... E teve uma sinergia e uma certa fusão com a cultura negra. Hoje, a gente vê ali a escola de samba em que em um dado momento o presidente é branco, em outro a diretoria é branca. Lá, tem uma escola de samba muito diversificada, em que negros e brancos se interagem, se namoram, se casam e não querem nem saber da sua descendência, da onde veio e pra onde vai. Tudo isso é um processo e faz parte do quê? Do conhecer o próximo e de dar espaço para o diferente.

Eu diria que a cultura negra, tão latente no nosso país, tem se estendido para todos os cantos do nosso país. Hoje, se a gente vai para o sul, Rio Grande do Sul, Santa Catarina ou Paraná, dificilmente em uma danceteria não vão tocar um pagode ou um samba. A mesma coisa no nordeste e na região norte do Brasil. Agora, a mídia e os meios de comunicação têm que fazer a sua parte. E isso, eu falo pra você com todas as letras, não estão fazendo. Não sei por que raios! Acho que é de uma ignorância tamanha porque o negro consome e dá dinheiro. O samba, o pagode, o funk, o *hip hop*, o axé, a Timbalada, tudo isso veio de que berço? E onde está e o que traz o carnaval baiano?

Quantos milhões de pessoas participam do carnaval paulistano e do Rio de Janeiro? E as micaretas também? Vai montar uma micareta sem o axé e a Timbalada pra você ver o que acontece...

Nós tivemos um fato inusitado no *Skol Beats*. Os caras fizeram lá um primeiro evento e resolveram colocar só música *techno* e *underground*. A festa não durou sete horas, quando era pra durar vinte e quatro. Não durou porque chegou um momento que o pessoal já estava louco de cerveja e de outras coisas mais, e não aguentava mais aquele barulho do *putz putz* no ouvido. Já no outro *Skol Beats*, mesclaram e deixaram a micareta e a Timbalada por último, que foi o que segurou a festa mais de vinte e quatro horas. Isso por quê? Porque tá enraizado no sangue do brasileiro! A gente assimilou essa cultura e se vê sambando e batucando alguma coisa. Agora, falta a gente ver que o camarada que trouxe a capoeira para o Brasil e que está difundindo ela por aí afora veio de uma realidade diferente, passa por muitas dificuldades e precisa ser inserido nessa nossa sociedade.

Eu diria que nós temos um caminho muito loongo... E acho que as torcidas organizadas podem, e muito, contribuir para isso através das arquibancadas. Daí, dizer que o preconceito não está entre os torcedores ou nas arquibancadas é uma balela! Afinal, os torcedores fazem parte dessa nossa sociedade. O preconceito pode não estar inserido nos noventa minutos. Durante o jogo, a gente abraça, beija, festeja... Agora, depois dos noventa minutos, meu querido, a rotina volta a ser a mesma, tá certo?! Se o camarada não estiver atento ao que está acontecendo ao redor, você pode ter plena certeza de que ele acaba ficando na berlinda.

Isso não significa que a gente não tenha grandes amizades a partir das torcidas organizadas. Pelo contrário, é óbvio que se tem. Da mesma maneira que se tem a inserção em diversas famílias de classes sociais diferentes. Quando se tem essa inserção, a gente tem que entender que é a quebra de um paradigma. Volto a dizer: aquele jovem de classe média que se adentra nos Gaviões da Fiel é reeducado e recebe um outro tipo de concepção de sociedade, em que, nesta entidade, não há divisão de classe e nem quem tem mais ou menos dinheiro. O que está posto ali é a igualdade de todos. Então, esse jovem quebra o paradigma quando leva uma pessoa da periferia, da favela ou da comunidade para dentro do seu lar.

Agora, isso não quer dizer que, dentro deste lar, ele não vai enfrentar o problema. Talvez, depois de adentrar nos Gaviões, esse jovem perceba que o pai ou a

mãe dele são preconceituosos. Às vezes, não é do ponto de vista racial, mas do econômico. O pai dele pode lhe dizer:

— Como você pode trazer um cara que não faz parte do nosso *métier* pra dentro da nossa casa?

Talvez, ele até consiga resolver o problema no seu lar.

E vice versa! É provável que esse jovem de classe média seja levado pra periferia. Obviamente, ele tem um outro estereótipo: se veste diferente, a pele é branca, o olho é claro, o cabelo é liso... Ou seja, ele é um ser diferente dentro dessa comunidade. E, aí, quem mora lá e o leva pra lá vai ter que explicar também o porquê que esse jovem está ali:

— O cara tá com a gente! É gente da gente... Ele se compadece dessa nossa situação. O cara também não concorda e digo mais: é fiel às nossas ideologias e aos nossos valores.

Então, eu diria pra você que nós estamos dentro de uma sociedade que está em disputa... É necessário que a gente se desperte para isso. Volto a mencionar: qual é a grande ferramenta pra fazer com que isso mude de fato na cabeça do brasileiro? Eu tenho a plena certeza de que é a mídia. Basta a gente dar uma analisada na maneira como são feitos os nossos programas televisivos, esportivos... Como são feitas as entrevistas com os jogadores? São induzidas! Como eles são vistos?... Tem uma outra questão que coloquei em um determinado seminário: quais são os valores do esporte que a grande mídia tem passado pra nossa sociedade? E as respostas me surpreenderam! Ascensão financeira, divulgação das marcas... Sabe?! E a questão primordial da interação, da sinergia entre as raças e culturas não foi mencionada! O esporte é uma ferramenta para isso. Assim como deve ensinar a competição saudável entre os atletas, o companheirismo, a disciplina... Esses são alguns dos valores fundamentais que o esporte pode promover pra nação como um todo.

Infelizmente, no nosso país, só alguns segmentos que se destacam. Espero que, em um futuro próximo, a gente possa ter uma torcida que pense não só no clube, mas também nas questões que estão fora do clube, problemas que são de toda a nossa sociedade. Espero que a torcida tenha liberdade de expressão nas arquibancadas, que é algo que falta também. E uma torcida que possa sempre que possível mudar a mentalidade dos jovens. Acho que é mais ou menos isso que posso estar contribuindo com a tua pessoa. É mais ou menos isso o que eu penso da sociedade brasileira, de uma torcida de modo geral e do negro. Aliás, o negro, às vezes, tem vergonha de falar:

— Eu sou negro.

Ou, então, são as pessoas que têm vergonha de falar:

— Pô, como que ele é? – pergunta alguém.

— Ah, é um moreninho assim.

Não! Como assim “moreninho”? Moreno que eu entendo são pessoas como você, por exemplo. Na Argentina, no Chile ou na Europa, moreno é uma pessoa da sua cor, e eu sou considerado negro. Nos Estados Unidos, também sou. O Barack Obama é mais claro do que eu, mas é considerado negro... Inclusive, outro fato inusitado que um professor de Economia falou uma vez em um debate foi como os negros norte-americanos afetaram a economia quando fizeram o boicote a algumas marcas. Esse professor da França falou o seguinte:

— Olha, até a família do jovem presidente negro Bill Clinton aderiu a essa luta.

Aí, todo mundo se espantou:

— Pô, o cara está louco, né?! O Bill Clinton, um branquelão de olho azul e tal, negro? Acho que ele se enganou. – a gente comentou.

Terminado o seminário, os alunos foram perguntar isso pra ele, e eu estava doido pra ouvir a resposta:

— Poxa, professor, você falou “jovem presidente negro”, mas o Bill Clinton é branco, pô! Não é negro!

— Você sabia que o Bill Clinton lá nos Estados Unidos é considerado negro por conta do bisavô dele que era negro? – respondeu o professor com uma pergunta.

Todo mundo se espantou novamente:

— Que é isso, professor! Que loucura!

— Não. Nos Estados Unidos, uma pessoa é considerada negra pela sua árvore genealógica.

Depois disso, pensei: “Caramba! Olha como cada sociedade visualiza essa questão.”. Aqui no Brasil, é necessária uma reeducação. A gente não está aqui só pra servir. Uma sociedade que tem esse tipo de comportamento ainda não está preparada para o crescimento. Por mais que os veículos de comunicação e que as instituições econômicas digam o contrário, o Brasil é um país, de fato, do futuro. É pré-sal, minério, biodiesel... É a USP se colocando entre as cento e cinquenta melhores universidades do mundo. Tudo isso é uma maravilha, mas, se a nossa sociedade não for vista como um todo, e não dividida, a gente vai sofrer muitas coisas lá na frente a nível de competição.

Se formos olhar para os Estados Unidos de novo, veremos que eles viveram em um *apartheid*, vamos dizer assim, até os anos 60. Só cresceram depois que os direitos civis foram respeitados. Se criou lá uma sociedade dividida em que brancos não gostam de negros e vice versa? Se criou. Há bairros de negros e há bairros de brancos? Há. Porém, sendo pobre ou sendo rico, o negro tem escolas boas para os seus filhos. Ou seja, lá se tem condições igualitárias.

Criança é a coisa mais fantástica na face da terra! Ela é de uma pureza... O adulto que a induz a se separar, né? Em uma ocasião em que estive na Argentina e outra na Suíça, eu fui levado a instituições de adolescentes. Obviamente, a probabilidade de encontrar um negro por lá era quase nula, a não ser que fosse refugiado. Ao adentrar a sala de aula, não fui visto como diferente, mas como uma novidade. Tive uma ótima interação com aquelas crianças, assim como elas tiveram comigo. Depois, percebi que esses países, de certa maneira, preparam as pessoas não para serem preconceituosas, mas para ficarem inibidas com o diferente. Esse fenômeno é muito estranho! Basta a gente ver, por exemplo, que, na fase adulta, os suíços repudiam o refugiado da Turquia, da África e tal, e já veem com outros olhos. Aqui na Argentina, está tendo um movimento pesado de ver o refugiado como algo à parte da sociedade, tipo:

— Eles não nos pertencem. Não queremos aqui!

Ou seja, quem induz a isso se não os meios que controlam a comunicação dessa sociedade? Resta-nos torcer pra que mais jovens progressistas estejam inseridos na mídia. Ouça bem o que eu vou te dizer porque daqui a uns trinta anos você vai se lembrar disso: de fato, nós só vamos ser um país de primeiro mundo quando essas pequenas coisas se dissiparem. O que eu quero dizer com “pequenas coisas”? Quero dizer que a sociedade deve deixar de ver o negro de uma forma diferenciada, inferior. Porque todas as etnias têm a acrescentar à sociedade brasileira. Agora, quem vai mudar isso? A nossa parte é reivindicar, protestar. Só quem está na “crista da onda” pra modificar essas questões é que pode falar o “sim” ou o “não”. Tem alguma outra bandeira que a gente pode aderir para que esses mecanismos se dissolvam? Como é que eu vou chegar para a comunidade negra e falar pra ela deixar de ver novela, de ver futebol ou de participar dos Gaviões? A gente está inserido em tudo, porra! Só não estamos inseridos nos meios de comunicação como deveria.

Aliás, agora estão lançando um filme interessante, o *Besouro*, que fala do grande capoeirista baiano. Achei fantástica a iniciativa do cineasta porque teve uma sacada. Afinal, os japoneses difundiram toda a sua cultura através do Kung Fu, do Bruce Lee e

do raio que o parta. Os norte-americanos difundiram todo o poderio bélico, a força e a inteligência do homem branco através dos filmes de guerra e dos super-heróis. A Argentina fez o mesmo com a Mafalda. E o nosso país? Você já parou para pensar nisso aí?... Pô, a gente não tem um herói nacional, um personagem de projeção mundial mesmo! Nós temos uma série de heróis nacionais, mas não temos um cara que o estrangeiro bate o olho e pensa no Brasil. Não é do caramba isso?

O estrangeiro vem pra cá para quê? Vem pra fazer o turismo das nossas belezas naturais e também o da pobreza, tirando umas fotos e tal. Só que ele não acha alguém que represente o nosso país. Tá bom que a gente tenha o Pelé, que é fantástico, uma maravilha no futebol e não sei quê. Mas, e a nível mesmo de mostrar a riqueza intelectual e cultural do Brasil?... Talvez, agora com o Lula, mesmo ele não tendo curso superior. No nordeste, eu tenho certeza absoluta que ele vai virar um santo brasileiro.

Falando em Pelé, eu acredito que ele tenha um montante financeiro que dá pra montar um canal de rádio e de televisão. Assim, poderia contribuir muito mais! Poderia usar o espaço que tem e fazer um enfrentamento mais direto. Acho que, na concepção dele, o simples fato de ele ser negro, já está contribuindo para a luta racial. Pra mim, ele optou por um outro caminho e comprou a ideia da elite dominante que acha que não vale a pena lutar pelos negros porque não têm consciência. Acreditam naquela velha história de jogar lavagem aos porcos, não é? Ou seja, acham que os negros não vão entender o que eles falam ou a sua linha de raciocínio porque não têm base para isso. É uma pessoa que, de certa maneira, apoiou a Ditadura. Na cabeça dele, deve pensar: “Tirei a minha família da pobreza e sou visto como o maior jogador de todos os tempos. E sou negro. Bom, a minha contribuição está aí.”. Conseguiram vender esse “peixe” pro cara!

Tiveram outros jogadores negros que adotaram na época uma postura diferente da dele. Se o Pelé fizesse o que eu estou te dizendo, poderia ficar para a eternidade, assim como os grandes ídolos: Jesus, Gandhi, Mandela, Madre Tereza de Caicutá, Martin Luther King... Essas são pessoas que viveram um período, mas deixaram uma obra para a eternidade. Da maneira que ele optou, apenas vai viver e passar. Será lembrado como o maior jogador do século XX. Só que, no século XXI e XXII, terão outros iguais a ele. Agora, te pergunto: quem foi a pessoa que pregou a ideologia da não violência?... Você está entendendo o que estou dizendo? Nós vivemos em constante metamorfose. Quem escolhe como se viver e o tipo de legado que se quer deixar somos

nós mesmos! Na questão racial, acho que o Pelé assumiu uma posição mais amena do que poderia...

Toda conquista é fruto de uma luta. Acho que teve alguns avanços nesse quesito, mas eles precisam ser intensificados. Há muito a se caminhar, discutir e andar... E são pessoas, como você e como eu que, obviamente, estarão ocupando espaços – oxalá, que sejam estratégicos! – dentro da nossa sociedade pra mudar isso.

*

Poxa, estou falando há um tempão e nem me apresentei direito. O pessoal me conhece por Minduín, Minduca ou Mindu, mas meu nome é Alex Sandro Gomes. Nasci no mesmo dia que o Elvis Presley morreu, 16 de agosto de 77. Dentro dos costumes da nossa cultura, pertencço ao signo de Leão. Meu nome tem origem grega e significa Deus da Guerra... Vim de uma família de classe média baixa. O meu pai era mestre de obras e minha mãe, cozinheira. Tenho oito irmãos, dois falecidos. Sou casado com uma mulher negra e tenho uma filha.

Fui bancário, mas hoje estou no Conselho da CUT, Central Única dos Trabalhadores. Sou assessor parlamentar na área de estudos econômicos de um vereador e de um deputado estadual aqui na cidade de São Paulo. Sou também militante de movimentos sociais e adepto da luta pela reforma agrária. Ou seja, eu me classifico como um humanista de fato porque o Minduín quer ver essa nossa sociedade brasileira *cambiada*, como os argentinos falam, ou modificada, transformada... Oxalá, que os estudantes possam estar lutando dessa mesma maneira, com esse mesmo ímpeto, né?!

Sou estudante de Economia pela PUC São Paulo, onde curso o terceiro ano, e estou transferindo agora o meu curso de História para o de Sociologia na FESP, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Taí uma paixão minha: estudar. Só sinto por não ter tanto tempo pra isso como gostaria. Tenho 32 anos e o meu objetivo é, um dia, representar o nosso país. Mais especificamente: estar no Itamaraty e ser embaixador... Domino uma língua, a espanhola, e, por cinco vezes, tive a experiência de ir na Argentina participar de seminários voltados para a questão da violência entre as torcidas organizadas do Brasil. Na Suíça e no sul da Alemanha, fui pelo mesmo motivo por uma única vez.

Aqui no nosso país, por conta da minha atuação, me tornei uma referência dentro das torcidas organizadas. No Corinthians, pelo meu posicionamento enquanto torcedor

organizado e associado do clube, também sou uma referência por defender um futebol mais popular e uma democracia mais ampla dentro do clube, e por visualizar o espaço da arquibancada como um meio de entretenimento da massa trabalhadora... A minha influência pelo Corinthians, obviamente, veio da minha família: mãe, pai e irmãos. Mas, também pelo fato do time ter sido fundado por trabalhadores operários e ser um dos primeiros a abrir espaço para jogadores negros e pessoas de outras etnias e religiões, como os judeus e árabes por exemplo. Não à toa, se fala muito que é o time do povo. O que seria do Corinthians se não se abrisse a todas essas pessoas de diferentes origens que estão inseridas na sociedade paulistana? Então, a história do time também me chamou muito a atenção.

Fui para os Gaviões da Fiel justamente pela energia que a torcida sempre demonstrou durante os noventa minutos. Enquanto o time está dentro do campo jogando, a torcida está na arquibancada apoiando. Eu diria que ser Gavião não é ser mais corinthiano, mas ser um extremado incentivador de uma paixão chamada Corinthians. Isso que me fez adentrar e participar na entidade. De fato, me tornei um Gavião, ou seja, luto com unhas e dentes pelas cores do Sport Club Corinthians Paulista... O meu pai, particularmente, não gostava dos Gaviões da Fiel. Ele sempre gostou muito de uma torcida que não existe mais, a Torcida da Curvinha, que há muito tempo não se vê mais a faixa dela lá no Pacaembu. A minha esposa não me acompanha por não gostar de futebol e dos Gaviões. Ela acha que a minha participação em tudo isso traz mais problemas para a minha vida do que coisas boas. E tem o fato, também, de demandar tempo, já que, ao invés de estar com a família, estou nos Gaviões ou no clube... Mas, não é por isso que vou deixar de ser Gavião e de lutar pelo Corinthians e por uma sociedade melhor.

*

Na nossa sociedade, eu diria que temos dois tipos de preconceito: o econômico e o racial. O econômico, dentro de uma cidade como São Paulo, é mais presente do que a questão racial. Por quê? Se você tem um negro jogador de futebol que ganha mais que 300, 500 mil ou um milhão de reais por ano, ele deixa de ser negro e passa a pertencer à elite. Exemplos, temos aos milhares! É só a gente pegar o Ronaldo, o Ronaldinho, o Robinho, o Adriano, o Vagner Love... Por terem dinheiro, esses caras não sofrem preconceito nenhum! Eles adentram ou são convidados a entrar em qualquer restaurante

da nossa cidade. Qualquer família abastada gostaria que a sua filha casasse com um homem como eles. Se vai ter filho, neto ou bisneto de negro, pouco importa! O que importa mais é o que cai na conta desses jogadores. Esse é um tipo de preconceito.

Já em algumas comunidades no sul do país, o preconceito racial é mais pesado. Por conta do quê? Pelo menos na minha avaliação, por conta da educação ou reeducação daquela comunidade que se instalou no sul e que veio lá da Europa. A partir do momento que eles tivessem uma mídia ou um veículo de comunicação que prestasse uma assessoria pra quem está vindo pro Brasil, você poderia ter a plena certeza que o preconceito ia passar despercebido. Até porque também, o camarada, que é descendente de italiano, alemão, suíço ou o que for, veio pra cá por conta das dificuldades que sofreu durante a Primeira ou a Segunda Guerra no seu país de origem.

Tem uma outra coisa: esses imigrantes, que são preconceituosos aqui na interação com outras etnias, sofreriam também preconceito se voltassem para os seus países de origem. Não é? Amigos meus já me falaram isso:

— Sou descendente de italiano, mas fui pra Itália e lá fui hostilizado. Me chamaram de “brasileiro de merda” e tal... Sou descendente de alemão e fui estudar lá na Alemanha e me xingaram de “brasileiros de merda” e não sei quê...

Ou seja, quando um cara menciona isso, ele se vê como um descendente de europeu dentro da nossa sociedade, mas, fora, não se vê como renegado na sua cultura de origem. Só que no seu país, ele é visto como brasileiro e ponto! Pode ter a cútis mais clara do mundo, o olho mais azul e o cabelo mais liso que seja. É brasileiro e não pertence a casta deles! Tá certo?

Agora, a mídia faz um esforço para esse camarada entender isso? Não faz. A mídia seria o grande chamariz pra que houvesse uma interação entre essas etnias de um país com dimensões continentais? Seria, mas não é isso que acontece. A gente tem uma sociedade totalmente amena, que é tocada por uma ideologia conservadora e que só mostra o belo e não a nossa própria realidade. Então, é muito controverso quando se fala do preconceito racial no nosso país. Um camarada me fala:

— Não, eu não sou racista.

Porém, se um namorado se adentrar dentro do lar com uma negra de cabelo pixaim ou carapinha, você pode ter a plena certeza que a família vai ser simpática, falar “bom dia”, “boa tarde”, “boa noite”, “vamos almoçar” e tal, mas, em uma conversa a sós com filho, vai tocar na questão econômica e na racial. Se fosse uma modelo negra maravilhosa, ia dizer:

— Opa, ótimo!

E vice versa. Com uma menina, loirinha, maravilhosa, de dentes branquinhos, olhos azuis, cabelo liso e um corpo maravilhoso, ia acontecer a mesma coisa. Só que o gosto dela é o quê? Não é o jovem branco de olhos azuis. É o jovem negro, careca ou *black power*, que anda diferente, que fala alto e tal... Na hora que ela for apresenta-lo à família... opa! Em uma conversa a sós, ela ter uma recepção negativa, principalmente se esse negro não tiver posses financeiras ou não for alguém da mídia ou badalado pela mídia.

Então, a gente vive uma hipocrisia, em que a imprensa é a grande indutora dessa hipocrisia e desse preconceito... Eu diria que uma das coisas mais insensatas do ser humano é não saber conviver com o diferente. Não pelo fato de ser negro, mas pelo de ser humano, né?! Não consigo entender isso... não consigo entender mesmo.

Eu me relacionei com várias mulheres brancas e houve casos em que a família se contrapôs ao namoro por conta da minha cor. Agora, sempre, da mesma forma, a família me recebeu de uma maneira totalmente educada. Conversei com o pai, com a mãe, falei dos seus sonhos, onde atuo, da minha família, das minhas raízes, do que eu gosto, do time que sou apaixonado, enfim, interagi e me apresentei à família. Aí, passando-se dias, a moça de repente não ligava mais ou, se ligava, falava:

— A gente precisa conversar e tal...

Quando começava a conversa, era um choro daqui, outro choro dali até que eu sabia o motivo:

— Poxa... de uma forma tão ruim, eu descobri que o meu pai – ou mãe – é preconceituoso.

É o que falei pra você: isso tudo é um processo de reeducação... Se a gente for olhar para a sociedade indiana, vai ver que é dividida por castas. Quando olhamos o povo indiano, achamos que tudo é indiano. Só que, entre os caras, não. Tem a primeira casta, a segunda, a terceira e tal. Entre elas, as pessoas sequer se conversam, se cumprimentam... Se a gente for ver, por exemplo, o Afeganistão ou o próprio Iraque, há duas etnias em que eles se identificam pela feição do nariz: o que tem nariz fino é considerado nobre e o que tem nariz achatado, inferior. Um filme que, inclusive, ressalta isso é *O Caçador de Pipas*.

Enfim, já na sociedade brasileira, qual o estereótipo físico que faz com que o camarada sinta repúdio pelo outro? QUAL?... Nenhum porque aqui a gente tem: branco com nariz fino, branco com nariz achatado, branco com cabelo escorrido, branco com

cabelo crespo, negro com cabelo crespo, negro com cabelo liso, negro com nariz fino, negro com nariz achatado... Ou seja, não dá liga! Há comunidades que têm um estereótipo marcado, mas elas não são o todo. Essas comunidades têm que se inserir na sociedade e se moldar perante ela, e não o inverso. Isso é ilógico, inconcebível! E quem faz essa mecanização, vamos dizer assim, se não os meios de comunicação? Quem reproduz essa questão?...

No meio político, quais as grandes lideranças negras que nós temos, hoje, no Congresso Nacional?... Na política paulistana, seja partido de esquerda ou de direita?... E não é que o negro não se interessa pela política. Lógico que se interessa! Agora, a mesma engenharia que está posta na nossa sociedade, está posta dentro dos partidos. Ou seja, o negro serve para ser um cabo eleitoral, ser isso e ser aquilo, mas, para ocupar os postos-chaves que compõem as empresas estatais, aí o buraco é um pouco mais embaixo. Quando se tem a necessidade de se criar uma Secretaria para cuidar das questões raciais, é porque algo não está correto dentro dessa nossa sociedade, algo tem que ser forçado, pressionado. Entendeu?

Outra questão importante de ser discutida é a seguinte: o negro tem que fazer um esforço muito forte pra não ser preconceituoso. Nós temos um problema de reeducação dentro da nossa sociedade. Nem todo branco é preconceituoso, mas todo branco precisa ser reeducado a não ser preconceituoso, tá certo?! Essa é uma questão para qual, acredito, serão necessários muitos anos para ser modificada... Apesar de que tem um fato na nossa sociedade que infelizmente é um mau hábito: tudo que acontece lá fora repercute aqui dentro. Você poderia me perguntar:

— Mínduin, você acha que o Brasil vai entrar numa onda Obama?

— Eu acho que não. Pra chegarmos nesse nível, levaremos um tempo. Só que acho que o Obama é um símbolo pra uma nação como a nossa que visualiza o negro sempre numa posição inferior e nunca de liderança.

Não falo isso por incompetência, não é isso. É hábito! Sabe? Se a gente chegar num banco, uma pessoa vai falar assim:

— Puta, você viu o gerente? Ele é negro, cara!

Se for em um sindicato:

— Ô, sabe esse negão aí? O cara é diretor e tal...

Em uma universidade:

— Sabe o Milton Santos? O cara era mestre, doutor, isso e aquilo... O negrão era foda, hein meu?!

Por que não falar dos brancos no mesmo tom? Poderíamos falar do Paulo Freire, do Caio Prado Júnior ou do Florestan Fernandes desta maneira também:

— Puta, o brancão era foda, hein cara?!

Todos eles foram pessoas que pensaram a nossa sociedade da maneira que eu estou dizendo pra você. Se a gente não lutar para que se mude essa concepção, o nosso país não será o país do futuro, do desenvolvimento. Vai sempre ficar ali na berlinda, engatinhando para tal, mas não será... As empresas, na maioria, estão fazendo a sua parte ao aderir esses programas de ações afirmativas. Mas, a mídia – eu vou bater até o final nessa tecla – é a grande vilã da história.

*

Mudando um pouco de assunto, você, que é lá de Campinas, deve saber que o derby entre Guarani e Ponte é um dos jogos mais violentos de São Paulo. Aquilo é pesado mesmo! Já assisti muitas partidas por lá... O que acontece no nosso país a nível de violência é brincadeira de criança, cara. Se a gente for comparar com outros países da América Latina ou da Europa, vai ver que a coisa aqui é feia. No Brasil, o que falta, na verdade, é uma política pública de diálogo com o torcedor organizado, e um trabalho de logística.

A outra questão é o valor de ingresso e o espaço dentro da arquibancada. No Campeonato Brasileiro, quem determina o valor do ingresso é o clube. Olha que absurdo! É um produto que eles estão oferecendo, cara. Não pode acontecer isso. Deveria ser pré-determinado: até as finais, R\$ 10,00; nas semifinais, R\$ 20,00; e, nas finais, R\$ 30,00. Isso, por exemplo, tinha que constar no Estatuto do Torcedor!

Na arquibancada, além da falta de estrutura para receber o torcedor ou o cliente, vamos dizer assim, não se tem banheiros adequados, bebedouros adequados, espaços determinados... A torcida não pode, também, sequer manifestar a paixão pelo seu clube através de bandeiras, faixas, fogos... Quando não se tem isso na arquibancada, a pessoa, obviamente, vai canalizar aquela energia para outros segmentos, outros fins. Puta que pariu! Pô, não precisa ser sociólogo, psicólogo, pedagogo ou estudioso da questão pra saber que, quando não se dá algo para o ser humano dentro de um segmento que ele está inserido, entretendo-o com aquilo ali, ele vai pensar em uma outra questão.

É só a gente pensar em uma empresa. Se um camarada chega às oito horas da manhã, trabalha, trabalha, trabalha, para uma hora para o almoço, e trabalha, trabalha,

trabalha, você pode ter a plena certeza que essa empresa não vai crescer. Vai ficar estagnada porque ninguém vai pra lá simplesmente para exercer uma função. Tanto é que as grandes empresas já têm pensado no quê? Em um horário de sono, de exercício, de momento de lazer... Para isso, têm reduzido a jornada de trabalho, inclusive para que o trabalhador possa ter mais tempo com a sua família. As empresas têm tomado essa decisão porque sabem que, se o camarada está contente, a produção é melhor e maior, as ideias fluem de uma forma diferenciada.

Só que os caras não levam isso para o futebol! Por quê? Porque não tem necessidade... O que eles ganham com fechamento de contrato com empresa publicitária, o que a mídia ganha também com *merchandising*... Aliás, essa merda tinha que ser proibida no nosso país! O programa esportivo rolando, o jornalista falando de futebol e, de repente, vem alguém dizendo:

— Agora, meu amigo telespectador, eu tenho que falar pra você da Caninha Jamel. Caninha Jamel, a caninha que deixa você feliz!

Depois, eles mostram uns trinta jovens entrando no sopapo e dizem assim:

— Violência no futebol. Coisa absurda! Esses vândalos têm que ser punidos, tem que ser presos. É cadeia pra esses caras!

Agora, e a caninha? O que ela está causando para o pai de família? Qual é o tipo de violência que está causando dentro do seu lar?... Não é? Então, são valores, velho, que não vistos de formas igualitárias! Se fossem vistos, tudo bem. Em uma sociedade em que se quer viver de forma harmoniosa, um programa desse não poderia fazer propaganda voltada para o uso do álcool e iria reeducar o jovem, mostrando que o esporte é para entretenimento e não para se gladiar.

Falta muita vontade política dos clubes em relação a isso. Hoje, as torcidas organizadas, ou boa parte delas, não pensam que podem ser instrumentos de transformação dessa nossa sociedade. Há um outro ponto: você imagina uma entidade como Gaviões da Fiel, com oitenta e dois mil associados, totalmente organizada, batendo na porta do Palácio do Governo do Estado de São Paulo e reivindicando melhores condições de educação, de moradia, de trabalho. Então, não vamos nem entrar nessas questões mais efervescentes da nossa sociedade, vamos ficar apenas naquelas que são “*light*”, como a reivindicação de melhores condições dentro dos estádios. Oitenta e duas mil pessoas preparadas pra matar ou pra morrer. Imagina tomar o Palácio. Puta que pariu! É tudo que o governo não quer...

Eu gostaria muito que as torcidas assumissem alguns papéis dos estudantes dentro das universidades. Não é que o fato de tomar uma reitoria vai resolver o problema. Não é isso! A questão está além. É de mostrar que:

— Pô, pera lá! Vocês administram, mas, aqui, nós ocupamos e colocamos a nossa reivindicação a hora que a gente quiser.

O mesmo vale para as empresas. Imagina ocupando uma diretoria:

— A gente não quer regalia. Só queremos trabalhar e vocês não nos demitam sem ter razão clara. Pô! Vocês estão lucrando durante cinco anos. No primeiro ano que reduz o teu lucro em 20%, vocês querem nos mandar embora? Vai para puta que pariu!

Você imagina se acontecesse isso com as torcidas também. Oxalá que fosse assim! Mas, infelizmente não é...

Por falar em violência, deixa eu falar um pouco da Polícia. Diria a você que não é a instituição que é ruim. São as pessoas que, infelizmente, se utilizam dessa instituição para uma prática que está no seu inconsciente. Quer dizer, o camarada enquanto civil é tranquilo, pacato e respeitador; enquanto policial, ele se vê com um poder de oprimir, humilhar e açoitar o diferente.

Agora, eu confesso a você o seguinte: respeito as leis e as instituições do nosso país, porém nunca fiquei à mercê quando sofri qualquer tipo de retaliação ou agressão por parte de um policial. Então, você poderia me perguntar:

— Minduín, você já sofreu algum tipo de agressão por parte de um policial?

— Sim, já sofri dentro e fora do estádio.

— E você reagiu?

— Sim, reagi e eu vou continuar reagindo sempre.

— Por quê?

— O problema não é um policial faltar com respeito verbal. Com desrespeito verbal, eu contra-argumento de uma maneira sutil, colocando a pessoa no lugar devido, mas sem desrespeitá-lo. O problema está na agressão física. Aí, o policial ultrapassa o espaço limite determinado pela minha pessoa. Então, a partir do momento que ele me agride, entendo que ele está me dando um espaço para que eu pague na mesma moeda aquela agressão que esteja sofrendo.

Você poderia me perguntar ainda:

— E, Minduín, você já foi preso por isso?

— Sim, já fui. E, se por ventura acontecer novamente, eu julgo que tenho um argumento plausível. Só agredi um servidor público porque também fui agredido. Ele

está ali para me servir e me coibir caso eu esteja fazendo algum ato ilícito, mas não para me agredir.

Você está entendendo o que eu estou dizendo? Digo, Marcel, que eu tenho me esforçado para passar aos demais torcedores essa consciência. Acho que tem que haver um equilíbrio: o torcedor tem que respeitar o espaço do policial e ele tem que respeitar o da gente. Toda ação ruim do torcedor tem que ser combatida, analisada, estudada e planejada. Não se pode tratar o torcedor como se trata bicho, não é? E sou defensor de que para toda ação tem uma reação. Se a ação do policial for boa e benéfica, a reação do torcedor também será; se ela for ruim, a do torcedor será péssima.

Eu já fui parado na rua por ser visto como suspeito de algo, mas não sofri nenhum tipo de preconceito direto pelo fato de ser negro. Nem mesmo em palavras. Pelo menos, não me recordo de sofrer qualquer tipo de ofensa racial por um policial... É, não me ocorreu. Não sei se tive sorte... Até porque, em todas as vezes que fui parado, sempre fui muito tranquilo e nunca tratei o policial por “senhor” ou “senhora”, mas, sim, por “você”, “pois não” etc.. Eu também nunca falei assim:

— Olha, eu sou trabalho, isso e aquilo.

Nunca mencionei esse tipo de questão. Sempre esperei as perguntas e sempre dei as respostas de maneira direta e curta. Sou muito tranquilo para me defender.

*

Já que a gente entrou de novo nessa questão do preconceito racial, eu te digo que certa vez um jogador de futebol muito conhecido, o Viola, me chamou de “macaco”. Devia ter uns 17 ou 18 anos. Estava passando o ônibus do Corinthians, vi o Viola na janela e gritei:

— Ô, Viola, e aí? – sabe aquela coisa de torcedor?

— Vai se foder, seu macaco! – respondeu me xingando.

Caramba! Eu fiquei sem reação... Comentei com os meus amigos e eles debocharam de mim por ter ido atrás dele. Fiquei encucado com aquilo. Cheguei em casa, contei pro meu pai também. Ele gostava do Viola porque fez aquele gol do Coringão em 88, de carrinho, em cima do Guarani. Depois, na seleção, quase fez um golaço naquele ataque monstruoso contra a Itália. Bom, falei pro meu pai e ele me disse:

— Não, não é possível. Você ouviu demais.

— Não, pai. Tenho certeza que ele me chamou de “macaco”. – reafirmei.

— Que filho da puta! Isso que acontece quando o cara ganha dinheiro, né?

E fiquei com aquilo na cabeça. Agora, fora essa vez... não me lembro. Dentro da torcida na arquibancada, muito pelo contrário. Apesar de que a arquibancada já está dividida por classes sociais, né?! No Pacaembu, dá para visualizar muito essa divisão: as numeradas coberta e descoberta ficam para a elite; a nossa arquibancada, para as organizadas e para classe mais baixa; o tobogã, a mesma coisa; as cadeiras laranjas, para a classe média... Teve uma vez que eu assisti nesse setor laranja, mas é outro estilo de torcedor. Dá para ver que o pessoal dali é mais abonado mesmo.

Assim, diretamente, nunca sofri nenhum tipo de preconceito. Mas, já ouvi de um torcedor – corinthiano, obviamente – coisas do tipo:

— Puta, que nego filho da puta! Macaco do caralho e tal... – xingando um jogador.

Ou seja, volta naquele ponto que eu te mencionei: aquilo está no inconsciente do camarada. Agora, entre duas pessoas, no *tête-à-tête*:

— E aí? Você é racista?

— Ah, eu não, pô! Você é louco? Imagina!

Já na arquibancada, estando com uma pessoa da mesma etnia... não sei. Ali, rola um pouquinho disso aí. De uma forma sutil, mas rola, sim.

Aqui no nosso país, cara, está acontecendo um processo com as torcidas do sul que tem me preocupado. Principalmente com a torcida do Grêmio que tomou uma postura de se ver diferente das demais torcidas e se vê enquanto porto-alegrense, descendente de europeu e tal... Essa torcida tem sofrido influência de diversos grupos de extrema direita mesmo, ligados ao nazismo, fascismo. Inclusive, eu vi uma reportagem um mês e meio atrás com um dos grandes líderes nazistas da atualidade do nosso país, que foi preso no caso e estava com a blusa da torcida do Grêmio. Essa mesma torcida assassinou faz três ou quatro meses um punk no meio da própria torcida.

Só que é aquilo: sabe aquela história de alimentar uma mentira? Vai alimentando, alimentando, alimentando até ela se tornar verdade? É o mesmo que está acontecendo com a torcida do Grêmio. Por quê? Porque os caras assimilaram toda a festa e todo o estereótipo do torcedor argentino e trouxeram para as arquibancadas de Porto Alegre. E outras torcidas, obviamente, vão reproduzir isso aí!

Agora, os caras não analisaram alguns fatores. Primeiro, a forma como Porto Alegre foi colonizado; como a cidade foi desenvolvida; a contribuição das diversas etnias; a descendência dos argentinos. Esses torcedores do Grêmio copiaram a sua

maneira de se expressar na arquibancada, mas não perceberam que, genealogicamente, os argentinos são descendentes de índios em grande parte. Eles mesmos, por falta também de consciência e de conhecimento, falam nas arquibancadas deles insultos racistas contra bolivianos, paraguaios e, até mesmo, uruguaios. No mundo, os argentinos são periféricos também!

E digo mais: um torcedor do Grêmio pode até mencionar que é descendente de alemão, de italiano ou da puta que pariu, mas, se ele for lá pra Alemanha ou pra Itália, não vai ser visto enquanto filho de alemão ou de italiano. Ele vai ser visto da mesma maneira como um brasileiro descendente de japonês lá no Japão, ou seja, como um traidor, um cara que fugiu da guerra, que abandonou a nação. Vai ser visto como brasileiro, independente de ter a cútis mais clara da face do planeta. O registro está na documentação dele! Se não estiver dentro de uma comunidade brasileira lá na Europa, dificilmente vai ser aceito por alguma outra comunidade que seja oriunda do próprio país.

Quer dizer, é muita falta de conhecimento real da onde o cara vive! A torcida do Grêmio está alimentando uma mentira que está se tornando uma verdade na cabeça de muitas pessoas. Eu temo que isso possa se estender para outras regiões do país. É um risco! Se isso se estender por Santa Catarina e Paraná, pode se criar um cordão em que se utiliza a arquibancada para praticar falas xenofóbicas, homofóbicas, fascistas e nazistas. Em Porto Alegre, já tem esse tipo de movimento há muito tempo. Eles lançaram uma vez um movimento separatista. Algumas comunidades acham que não são brasileiras e, sim, que são de fato italianas, alemãs e tal. Outras sequer falam o português...

Esses movimentos precisam ter um espaço para divulgar as suas ideologias. Onde que eles podem encontrar uma quantidade exorbitante de pessoas para difundir rapidamente isso? Nas arquibancadas. Se nesse espaço as pessoas não tiverem discernimento e nem concepções da sua própria realidade, como acontece com os torcedores do Grêmio, é muito mais fácil de esses movimentos imporem as suas ideologias. Muito mais!

Este é um processo que está ocorrendo na Itália também. Só que lá já tem diversas divisões dentro da mesma torcida. A do Lazio é um exemplo disso. Os *Irriducibili* são extremamente fascistas! Em oposição a eles, uma outra torcida, que não me recordo o nome, foi criada há três anos, e se julga humanista, socialdemocrata. Ela está crescendo também. Essas duas torcidas já se enfrentaram diretamente... No Real

Madrid, tem uma torcida que é extremamente fascista e outra, comunista. Por questões ideológicas, já teve enfrentamento até na arquibancada. O Livorno, da Itália, é um clube totalmente comunista: diretoria, jogadores, torcida...

Então, nos países europeus que são consolidados do ponto de vista do pensamento e das questões ideológicas, as pessoas têm lado. Mesmo de uma forma inconsciente, elas têm um posicionamento. Afinal, os pais ou os avós, no caso, passaram por um sistema comunista ou por um sistema de extrema direita. Por conta disso, não se tem muita novidade ideológica. Quando não se tem isso, tem o quê? O choque, a disputa, o confronto de ideias, que às vezes chega às vias de fato, como nas torcidas de um mesmo clube.

Agora, no Brasil, em que boa parte da nossa população infelizmente vê a política como um simples meio para as pessoas usufruírem, terem poder ou roubarem. Tem uma certa razão, mas, por outro lado, esse tipo de pensamento também facilita a incorporação de ideologias extremadas como essas. Até porque, esta é uma sociedade que não sabe muito para onde vai ou o que defender. Aí, chega um camarada e fala:

— Você é descendente de italiano, cara. Corre nas tuas veias o sangue real, nobre. Nós somos diferentes. Somos detentores do conhecimento, da ciência. Tudo que está posto na Terra saiu das nossas origens, da Europa e tal...

A pessoa que está ouvindo começa a assimilar isto. E esta mentira começa a se tornar uma verdade na cabeça dela. No meio no qual ela convive, não tem um descendente de nordestino, um descendente de negro... Assim, fica mais fácil dessas ideologias entrarem, e, uma vez dentro, é difícil saírem.

Olhando para São Paulo, a gente vai ver que os **art-powers** quiseram se inserir enquanto movimento dentro de algumas torcidas. Só que o espaço deles foi automaticamente limitado! Aí, perceberam que, dentro das torcidas, não dá para se inserirem. Afinal, o que é que se encontra em uma torcida, principalmente aqui em São Paulo? Negros, descendentes de nordestinos e jovens de classe média e de classe média alta, que, de certa maneira, estão cansados do mundo no qual vivem todos os dias: condomínio fechado, etiquetas, molecada falando da importância de ter duas ou três línguas, falando de viagens para a Europa, para os Estados Unidos, roupas de marca... Alguns deles querem que se foda essa questão! Estão preocupados com o quê? Em ter o seu lazer, tomar a sua cerveja, se relacionar com vários tipos de pessoas e serem vistos como iguais. São valores diferentes do que eles estão acostumados. Por isso que eu acho que aqui é mais difícil dessas manifestações acontecerem.

Mesmo assim, gostaria de registrar sobre os *skinheads* do ABC. Que é uma das coisas mais absurdas! A pessoa se diz *skinhead*, mas não é capaz de analisar que o seu pai, no mínimo, é metalúrgico e trabalha na Volks, Ford, Caterpillar... Enfim, é um pai que estudou no SENAI, foi trabalhar numa dessas empresas, obteve um salário de classe média baixa e batalhou para ter uma casa e para dar uma condição melhor para os seus filhos. Mas, vamos supor que esse *skinhead* seja neto de italiano que chegou aqui em São Paulo na década de 20. Ele não pensa no que aconteceu na região da Itália onde seus familiares viveram para que o seu avô tivesse que vir pra cá junto com milhares de italianos. O cara não vê que vieram presos, pobres, miseráveis, doentes... Não veio a nata da Itália pra cá! Você tá sacando?

Se eu for na Angola hoje, não serei visto como descendente de angolano, mas, sim, como brasileiro. Vão me olhar com desconfiança mesmo sendo negro! Agora, o que me faz ter orgulho de ser descendente de angolano e brasileiro? E o que faz um descendente de italiano e brasileiro ter orgulho disso?... Você percebe que não tem um motivo contundente que me faça ser diferente do cara? Dentro da nossa sociedade, não cabe isso. Não cabe! Falo isso não só pelo fato de ser negro, mas por não dar liga. O brasileiro pode ir para qualquer canto do planeta que vão perguntar:

— Você não samba pra gente ver? Faz uma caipirinha? Como que é a capoeira? A violência é muito grande no Brasil? E o futebol? Pelé, Ronaldinho e não sei quê...

Este é o estereótipo do brasileiro lá fora. Mesmo que não goste de alguma dessas coisas, nós vamos saber falar sobre tudo isso. Por quê? Porque tá inserido na gente! No meu caso, é mais fácil porque sou negro. Às vezes, converso sobre esses assuntos de cultura brasileira e de questão racial com alguns amigos brancos meus. Eles são seres humanos transparentes e que não têm tabu com relação à etnia. Pelo o que me disseram, até por terem tido essas oportunidades de ir para o exterior, é isso que os estrangeiros perguntaram a eles. Talvez, enquanto brasileiro e estando no nosso país, a gente não visualize isso.

E quem não deixa visualizar isso? É aí que eu quero chegar. É a nossa classe média que induz o povo a tantas coisas, assim como nas maiores revoluções que aconteceram no mundo. A Revolução Francesa é um exemplo disso. A nossa classe média, cara, tem um papel fundamental, mas só uma pequena parcela dela é progressista. Até por isso, é tachada de louca ou chata. Então, ao mesmo tempo que ela detém tanto conhecimento, é de uma ignorância tamanha...

Vamos ver onde isso vai dar, meu. Volto a mencionar: eu e você somos instrumentos para essa mudança. Porque a gente sabe o que acontece na nossa sociedade e tem que passar isso para as outras pessoas. Acho que seria muito frustrante uma pessoa do nosso gabarito passar a vida inteira sem influenciar outras pessoas. Nós não podemos nos dar a esse luxo! Não podemos levar todo esse conhecimento que está na nossa cachola para os confins da terra. Nós temos que ser indivíduos da história! Você que já fez História sabe disso.

*

Sabe, Marcel, agora que você falou um pouco de preconceito racial no futebol, eu lembrei de uma coisa. O irmão da minha esposa namora com a filha do Chulapa. O Serginho Chulapa assumiu interinamente por várias vezes o comando do Santos por várias vezes, mas nunca teve a oportunidade de continuar como treinador. Adoro analisar a parte tática do futebol! Eu o vejo muito como se fosse uma guerra, em que o treinador tem que traçar estratégias para conseguir o objetivo. Então, se a gente for ver a última vez que o Chulapa assumiu interinamente o Santos, antes da vinda do Luxemburgo, dá pra ver que não tem diferença nenhuma da maneira como o Luxemburgo montou o time. Inclusive, as variações táticas adotadas pelo Luxemburgo durante uma partida são as mesmas. Ou seja, o Chulapa nunca teve oportunidade! E é visto como? Um cara bruto, ignorante... Não é isso, cara! Eu entendo que ele tem um jeito e esse jeito precisa ser respeitado. É como o meu cunhado fala:

— Poxa, ele conversa muito pouco. É o jeito dele! A gente tem que analisar o que ele passou lá atrás. Ninguém sabe da realidade que teve, dos tipos de privação que sofreu...

Tem certas coisas que uma pessoa como ele tem que se libertar, mas é no decorrer de uma série de fatores. Quantos e quantos problemas a gente carrega para o resto da vida porque aconteceu com a gente na infância! Não é? A gente tem que saber reconhecer o outro... É aquilo que eu te falei: na arquibancada, a gente vê um monte de negros, mas, dentro do clube, quantos negros nós temos? Quando falo “negros”, quero dizer negros que combatem e que se colocam como liderança para se tornarem dirigentes lá na frente... Tem: eu, o Tiquinho – um amigo meu dos Gaviões – e o André Negão, com quem nunca conversei, mas que dizem ser o “braço direito” do Andrés. Ou seja, não tem praticamente ninguém!

E ainda falo pra você: quando chega um jantar do clube, o pessoal que está sentado na mesma mesa já olha com estranhamento. Naqueles que eu participei – até porque às vezes o convite chega a R\$ 100,00 –, percebi que a minha presença causou um certo desconforto. Isso é uma coisa que não sei como a gente pode combater isso por dentro. Sinceramente, não sei. Quantos e quantos jantares eu dava duas ou três garfadas, via que algumas pessoas estavam me olhando de uma maneira como se não fosse para estar ali, e fingia que ia no banheiro para dar no pé.

Hoje, não faço mais isso. Quero que se foda! Ponho o guardanapo na gola da camisa, coloco o cotovelo em cima da mesa, converso com as pessoas sem me inibir... Sabe por quê? Aqueles que acham que não devia estar ali fazem coisas muito piores. Tenho que me preocupar com aquelas pessoas que também querem um clube e uma sociedade diferente. Não que seja o paladino da justiça... A gente não precisa convergir em todas as opiniões, mas, naquilo que convergimos, podemos mudar muitas coisas pra melhor. Isso que é importante pra mim!

Eu sou cristão, mas não tenho uma igreja. Conheço diversas religiões e me dou bem com todas elas, desde umbanda até candomblé, quimbanda, espiritismo, judaísmo, islamismo, evangélica, católica... Não tenho religião, mas sou um cristão e um defensor assíduo dos ensinamentos do Nosso Senhor Jesus Cristo. Não tenho dúvida de que Ele foi um grande corinthiano!... É isso, cara. Acho que, a grosso modo, é mais ou menos isso que o Mínduíñ tem pra falar.